

## ***TEMPO VIDA POESIA: AS QUASE MEMÓRIAS DRUMMONDIANAS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE***

Gabriel Provinzano  
*Universidade de São Paulo*

**Resumo:** Através da análise da série de palestras radiofônicas intituladas “Quase memórias” de Carlos Drummond de Andrade, o artigo pretende sugerir uma articulação entre a experiência modernista de juventude do autor e o tumultuado contexto do pós-Segunda Guerra, quando as palestras foram transmitidas. Longe de se fechar na nostalgia, a recordação dos anos 1920 permite a Drummond discutir as heranças do Modernismo e, indiretamente, a posição incerta do país no momento mesmo em que evocava o passado.

**Palavras-chave:** *Tempo vida poesia*; Carlos Drummond de Andrade; Modernismo brasileiro.

**Abstract:** Through the analysis of the series of radio talks entitled “Quase memórias” by Carlos Drummond de Andrade, this article intends to suggest a link between the author's youth modernist experience and the tumultuous post-World War II context, when the lectures were broadcast. Far from ending up in nostalgia, the memory of the 1920s allows Drummond to discuss the legacies of Modernism and, indirectly, the uncertain position of the country at the time when it evoked the past.

**Keywords:** *Tempo vida poesia*; Carlos Drummond de Andrade; Brazilian Modernism.

Na série de palestras “Quase memórias” gravadas em 1954 para a Rádio Ministério da Educação e depois publicadas em *Tempo vida poesia: confissões de rádio*, Carlos Drummond de Andrade relembrou sua vida e obra. Transmitida num momento importante da sua trajetória literária, apenas três anos após o lançamento de *Claro enigma* e dois de *Passeios na ilha*, a conversa radiofônica com Lya Cavalcanti joga luz tanto sobre as origens do seu lirismo quanto sobre aqueles tumultuados anos do pós-Segunda Guerra Mundial, quando sua poesia passou, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda (1978, p. 158), por uma “drástica mudança”. Nesse cruzamento entre dois momentos pessoais e históricos muito distintos reluz, entretanto, uma ponte inesperada entre os primeiros tempos da experiência modernista e a guinada classizante representada pela publicação de *Claro enigma*, em 1951. A fim de discutir como essas quase memórias retomam o passado estando rigorosamente fincadas no presente, este trabalho propõe analisar a evocação da “aventura modernista” (Andrade, 2020b, p. 41) como uma espécie de acerto de contas não só com o início da sua atividade literária, mas também com a sua produção da década de 1940 e 1950, a partir da qual seu itinerário é recordado e atualizado num movimento duplo que talvez ajude a compreender a centralidade atribuída por Sérgio Buarque de Holanda à memória como trama essencial da obra do poeta mineiro.

No terceiro dos vinte e um capítulos em que se transformaram os oito encontros com Lya, Drummond lembrou o descobrimento do que chamou de o “país da literatura”:

[Lya Cavalcanti:] — Então o mano Altivo...

[Carlos Drummond de Andrade:] — Me conduziu ao que se poderia chamar de país da literatura [...]. Que país é esse, dentro do país em que vivemos, onde tudo se passa mais dentro de nós mesmos do que fora de nós? A gente escreve um poema, por exemplo [...]. Três, quatro amigos o leem na roda do café sentado, e o comentam: gostei, não gostei, fraquinho, ótimo, convém mudar este verso. A revista o publica daí a um mês. Mais três ou quatro pessoas dizem que o leram, e arredonda-se o vácuo em torno de nossa criação sofrida e amada, que nos daria a glória. Neste faz de conta de vida literária esgotam-se quatro, cinco anos de faculdade e vadiação. Depois cada um dos cúmplices do poeta vai para seu destino na vida, e não acontece mais nada. Dou a você um quadro da atividade literária na província dos anos 20 [...].

[Lya Cavalcanti:] — Agora é diferente.

[Carlos Drummond de Andrade:] — Será? (Andrade, 2020b, p. 22-23)

Os primeiros contatos com a literatura são evocados no trecho através da metáfora do descobrimento do país que constitui, como se sabe, um tópico recorrente da nossa vida intelectual, tendo se repetido em diferentes momentos do Romantismo até o Modernismo e mesmo depois. Por aí talvez pudéssemos vislumbrar uma afinidade com a batalha modernista encampada na década de 1920 para fundar uma tradição nacional

genuína, não fosse o fato de que no testemunho de Drummond não se trata propriamente da descoberta do Brasil, mas, sim, da descoberta de outro país localizado no interior deste, o “país da literatura”, que se diferenciaria do “país em que vivemos” por ser o local “onde tudo se passa mais dentro de nós mesmos do que fora de nós”.<sup>1</sup> Porém, o fato de que se trata na verdade do *mesmo* país integra essas dimensões só em aparência distintas porque a iniciação literária assume a forma de uma experiência individual e interior, como Drummond faz questão de reiterar, mas, ainda assim, moldada pelo contexto uma vez que o país da literatura era então (mas não mais?) rarefeito. A descoberta é, em outras palavras, como que indissociável das características do território encontrado, evidenciando o vínculo profundo entre as primeiras leituras sob a influência do irmão bacharel mais velho e a rala vida cultural da Belo Horizonte do começo do século XX, ou ainda, entre o retrato do literato mineiro quando jovem e o “faz de conta de vida literária” que desponta do testemunho.

O faz de conta se devia ao fato de que havia manifestações literárias modernas na capital mineira a despeito do seu provincianismo, que, no entanto, frustrava a consolidação de uma vida cultural orgânica, embaralhando o vanguardismo dos jovens com a incipiente modernização do meio. Na verdade, esse faz de conta de vida literária se confundia com uma forma de sociabilidade de moços cursando faculdade, oriundos em sua maioria do interior do estado e de famílias tradicionais, como o próprio Drummond, aliás, que nasceu em Itabira em 1902 e que se mudou para Belo Horizonte em 1920 para cursar farmácia, profissão que nunca exerceu, tendo trabalhado durante esse período na imprensa belorizontina, primeiro no *Jornal de Minas* e posteriormente no *Diário de Minas*, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro.<sup>2</sup> Inserida nesse contexto, a literatura se situava entre a obrigação representada pela faculdade (e, poderíamos acrescentar, pelo jornalismo ou pelo serviço público, que àquela altura eram as opções de ganha-pão desses jovens intelectuais) e a vadiação propriamente dita da roda do café, consistindo numa espécie de passatempo

---

<sup>1</sup> Invertendo o raciocínio, o caráter pessoal da descoberta enunciada nos anos 1950 diz muito sobre a militância modernista de Drummond na década de 1920, na medida em que dá a ver o individualismo do poeta mineiro, que nem mesmo nos momentos de maior engajamento abriu mão, por exemplo, da sondagem da subjetividade ou do passado familiar.

<sup>2</sup> Na obra de Drummond, há uma associação frequente da literatura com uma forma de convivência. Na apresentação de *Passeios na ilha*, por exemplo, Drummond define o conjunto nos seguintes termos: “estas páginas falam, talvez, de uma *tentativa de convivência literária*: divagações e reações do cronista, no exercício sem método, misturadas ao eco de obras alheias, recolhido com a necessária simpatia. E como este sentimento se vai tornando escasso, gostaria de transmiti-lo ao leitor. Vale por um convite à ilha – não deserta, embora pouco povoada” (Drummond, 2020a, p. II, grifo nosso). Cabe lembrar que no livro de 1952 Drummond comenta a obra de alguns companheiros de juventude também citados nas palestras radiofônicas como Emílio Moura e João Alphonsus.

“marginal no processo de desenvolvimento, que é puramente econômico, sem sentido cultural” (Andrade, 2020b, p. 25). Daí o vácuo no polo da recepção: discutidos pelo grupo do Estrela (nome do café onde se reuniam, entre outros, Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Navas e Milton Campos), os escritos da “cambada modernista de Minas” (Andrade, 2020b, p. 62) eram em seguida publicados em alguma revista ligadas ao movimento como *Estética* ou *A Revista* (esta última editada pelos rapazes do Estrela, o que dá a medida da estreiteza do círculo de leitores) e lidos por mais três ou quatro pessoas antes de serem esquecidos.<sup>3</sup> Esse, em linhas gerais, “o quadro da atividade literária na província dos anos 20” exposto por Drummond.

No retrato fornecido pelo depoimento, a província é como que responsável por restringir a vida literária aos limites estreitos das relações de amizade de um pequeno grupo, o que reconfigura a própria noção de sistema literário já que autores, leitores e obras formavam então um circuito moderno fechado em relação ao atraso do meio. A recordação do embate entre a vanguarda mineira e o caipirismo da cidade não envereda, no entanto, pela idealização da rebeldia dos moços, antes cede lugar à sóbria constatação da sua ausência de consequências práticas: “depois cada um dos cúmplices do poeta vai para seu destino na vida, e não acontece mais nada”. Essa caracterização não é, contudo, exatamente pejorativa porque, na sequência, a propósito de contrapor a liberdade que cercava os modernistas mineiros nos anos 1920 com a posterior consagração oficial, Drummond confessa: “era tão gostoso brincar de modernismo...” (Andrade, 2020b, p. 42). Singela em aparência, a confissão nada tinha de ingênua e era, em certo sentido, estratégica se pensada sob o pano de fundo da especialização do trabalho intelectual que marcou os anos 1950 com o surgimento de tendências formalistas e classicizantes na poesia, às quais a produção drummondiana do mesmo período foi erroneamente identificada. Ao valorizar ainda que sob a pecha de uma brincadeira a experiência das primeiras décadas do século XX em oposição à solenidade cheirando a mofo do reconhecimento ulterior, a confissão destituía a discussão poética de pompa e afetação, polemizando discretamente com “o abuso de pesquisas formais” também percebido por Antonio Candido (1985, p. 136) na mesma época. Isto

---

<sup>3</sup> Em estudo sobre as revistas ligadas ao Modernismo da década de 1920, Ivan Marques reconstruiu o debate modernista através da análise desses periódicos em geral de curta duração, cujo objetivo era basicamente divulgar a produção modernista para além do restrito círculo de simpatizantes, visando suprir as dificuldades de publicação. Além das semelhanças, Marques também discute as diferenças internas entre as revistas, propondo por esse caminho um percurso original dos desdobramentos e polêmicas do debate modernistas ao longo dos anos 1920. Cf. MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

porque introduz uma modulação diferente, dando vazão a uma ponta de nostalgia que é evitada na maior parte do testemunho e que confere sentido positivo ao desencontro entre a produção vanguardista e a cidade provinciana, puxando a discussão sobre o valor literário para uma direção distinta do formalismo estrito e, por vezes, tacanho proposto, por exemplo, pelos membros da chamada Geração de 45 ao abordá-lo sob a perspectiva da sociabilidade. Como na polêmica recordada no programa radiofônico que teve com Oswald de Andrade e com o grupo da *Revista de Antropofagia* em 1929 ao afirmar que “toda a literatura não valia uma boa amizade” (Andrade, 2020b, p. 78), Drummond parece ter em mente uma acepção mais ampla da sociabilidade, não como privilégio de classe restrito aos laços de amizade, mas, sim, como a possibilidade de troca de experiências humanas, o que a inseria no polo oposto do sectarismo político e estético que caracterizaria, por exemplo, as intervenções do Partido Comunista, do qual o poeta mineiro se afastaria ainda na década de 1940, e a “moda concretista”, em relação à qual confessaria em entrada de seu diário de 5 de fevereiro de 1957 seu “desinteresse” (Drummond, 2020c, p. 135). Vista de hoje, essa concepção alargada da sociabilidade, não como fator externo, mas constitutivo do fenômeno literário e da atividade crítica soa mais atual do que nunca em nossos tempos de isolamento social e, sob certo aspecto, intelectual.

Por sua vez, a convivência disparatada entre a ânsia pelas soluções da arte moderna dos jovens escritores mineiros e a incipiente modernização da à época também jovem capital inaugurada em 1897 para abrigar a burocracia estatal atravessa a produção literária de Drummond da década de 1920 e está no centro do seu livro de estreia, *Alguma poesia*, de 1930, como notou Mário de Andrade em “A poesia em 1930”.<sup>4</sup> No ensaio publicado na *Revista Nova*, Mário identificou o que chamou de “sequestro da vida besta”, isto é, a “vontade íntima de aniquilar, de se esconder” do poeta oriunda da “consciência penosa da sua inutilidade pessoal” (Andrade, 1978a, p. 33). Fixando esse eixo temático em termos psicologizantes mas, ao mesmo tempo, reverberando a intensa agitação ideológica do debate modernista na passagem da década de 1920 para 1930, Mário problematizava o sequestro da vida besta e o “individualismo [...] exacerbado” de Drummond por estarem em desacordo com as

exigências da vida social contemporânea que já vai atingindo o Brasil das capitais, o ser socializado, de ação muita, eficaz pra sociedade, mais

---

<sup>4</sup> Procurei analisar a produção de Drummond da década de 1920 a partir dessa convivência entre modernidade e provincianismo em minha dissertação de mestrado, *Os anos de aprendizado modernista de Carlos Drummond de Andrade*.

público que íntimo, com maior raio de ação que o cumprimento do dever na família e no empreguinho. (Andrade, 1978a, p. 36)

Através desse descompasso fundamental, que era tanto psicológico quanto histórico, Mário flagrou a oscilação entre modernidade e provincianismo que perpassava o conjunto e perante a qual a subjetividade lírica se retorcia entre a pura sensibilidade, o saudosismo, a complacência, a ironia e o humor, configurando ao cabo “um documento precioso de psicologia” (Andrade, 1978a, p. 37). A exploração das ambiguidades da modernização mineira foi, nesse sentido, fundamental tanto na formação artística e intelectual de Drummond nos anos 1920, na medida em que o obrigou a especificar os procedimentos modernos apreendidos na leitura dos autores franceses a partir da matéria local, quanto no balanço feito nos anos 1950 da experiência modernista em Minas Gerais, na medida em que contribuiu para dimensionar sua ausência de repercussão na vida cultural da cidade, o que não a privava completamente de mérito, como vimos.

Essa espécie de revisionismo instaurado pela memória revela todo seu significado à luz do contexto onde se situa. Isto porque a caracterização do Modernismo delineada pelo testemunho precipita uma meditação mais ampla sobre os rumos da modernidade entre nós, questão premente no debate daqueles anos, em geral, e na obra de Drummond daquele momento, em particular. Como se sabe, a passagem dos anos 1940 para a década de 1950 foi um período extremamente agitado na vida política do país (e do mundo) e, ao mesmo tempo, prolífico para o autor, que publicou nesse curto intervalo de tempo *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942), *Confissões de Minas* (1944), *A rosa do povo* (1945), *Novos poemas* (1948) e *Claro enigma* (1951). Essa produção impressionante como que expõe o esforço de Drummond para sondar seu tempo, sem que a urgência da vida presente afirmada, por exemplo, em *Sentimento do mundo* implicasse a exclusão da memória (inclusive, da memória íntima e familiar) uma vez que esta fazia parte de um “passado continuamente vivo e atuante [...] que invade e impregna a poesia de Drummond como um travo ancestral vindo do fundo dos séculos” (Holanda, 1978, p. 27). Digamos que esse contínuo temporal traz para o cerne do presente as potencialidades e, sobretudo, as irresoluções do passado, reconectando-os numa temporalidade fluida mas não apartada da história. Pelo contrário, é nessa tensão entre tempos distintos que se desdobram as inquietudes drummondianas, que, como notou Antonio Candido,<sup>5</sup> são a grande marca de fábrica da lírica drummondiana e que, aliás, são catalisadas pela reposição do atraso por nosso processo de modernização conservadora.

---

<sup>5</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 67-97.

Talvez essa seja grossíssimo modo uma das razões por que a obra e, em particular, a lírica drummondiana (onde o retesamento entre o particular e o social se configura com toda força) são capazes em seus momentos mais interessantes de ultrapassar a problemática individual e dar forma aos dilemas do país, o que justifica, se não me engano, a centralidade atribuída por Sérgio Buarque de Holanda à memória.

Sem desconsiderar suas peculiaridades, essa tensão vem à tona no último encontro com Lya, em que, contrariando a expectativa de uma “despedida gentil” imaginada por sua interlocutora, Drummond encaminha um fechamento desconcertante, ao pôr sob suspeita o rumo tomado pelas memórias:

Andei falando de mim e de amigos, a pretexto de evocações literárias, e senti que a literatura não pode ser um fim terrestre, uma opção existencial. Fica sendo no máximo um adorno. E se nos adornamos, nos distanciamos do natural, do nu, do medular. No Brasil, particularmente, esses enfeites acabam assumindo o ar ridículo (ou provocador), não sei bem de pompas fúnebres em batizado, ou de samba em velório. [...] Às vezes dá vontade de soltar o que está bem no fundo da consciência, envelopado em cautelas e conveniências de algodão. E não estou querendo bancar o Mário de Andrade, na famosa conferência de 1942, quem sou eu para isso. Ele queria que, fazendo ou deixando de fazer “arte, ciências, ofícios”, não ficassemos apenas nessas atividades ou renúncias, e ajudássemos a promover o que chamou de “amelhoramento político-social do homem”, que na sua opinião seria “a essência mesma da nossa idade”. (Andrade, 2020b, p. 94)

A relação entre a experiência pessoal e a atmosfera cultural da Belo Horizonte do começo do século XX desvela o caráter restrito e ornamental da literatura naquele contexto e, mesmo, depois já que o depoimento abandona o pretérito para se firmar no presente: “às vezes dá vontade de soltar o que está bem no fundo da consciência, envelopado em cautelas e conveniências”. O curto-circuito instaurado pela mudança nos tempos verbais problematiza a posição da literatura em dois momentos distintos e traz para mais perto a tensão pois, vindo de um participante dos acontecimentos, adquire o sentido de um exame cheio de remorso da atuação pessoal, como se a digressão sobre o papel da literatura ganhasse concretude a partir da experiência modernista efetiva de Drummond, que ao seu modo condensava esses impasses. Não por outro motivo, na sequência ele menciona a célebre conferência de Mário de Andrade de 1942, “O movimento Modernista”, revelando a inspiração desse questionamento angustiado da literatura e, mais especificamente, dos dilemas do Modernismo. Ao retomar a complexa renúncia ao esteticismo reivindicada por Mário a pretexto de um balanço autobiográfico de seu percurso artístico, Drummond o secundava sem, no entanto, pretender “indicar missão ou tarefa” para seus contemporâneos. Como na conferência de Mário, porém, a recordação dos primeiros tempos modernistas

vinha acompanhada da crítica às “cautelos e conveniências”, o que não significava obviamente negar o movimento, como queriam seus detratores,<sup>6</sup> mas, sim, interrogar seus limites, atualizando os princípios enumerados em “O movimento Modernista”: “o direito permanente à pesquisa estética”, “a atualização da inteligência artística brasileira” e “a estabilização de uma consciência criadora nacional” (Andrade, 1978b, p. 242). A rememoração da aventura modernista alicerçava, portanto, a autoanálise culpada através da qual Drummond expiava seus dilemas e os de sua geração, dando ao depoimento um surpreendente sentido programático a despeito da sua recusa em admiti-lo.

A citação da conferência atesta, além disso, a vitalidade do diálogo com Mário de Andrade mesmo após a morte prematura deste em 1945, na medida em que dá continuidade ao contato iniciado ainda em 1924, quando da visita da “alegre caravana de burgueses artistas e intelectuais” (Andrade, 2020d, p. 67) às cidades históricas de Minas, durante a qual Drummond conheceu Mário. O início da correspondência de mais de vinte anos entre eles foi marcado pela polêmica em torno do nacionalismo, que Drummond àquela altura achava lamentável e ao qual Mário já havia se convertido como “emissário autodesignado do autoconhecimento nacional” (Schwarz, 1999, p. 68). Mário diagnosticou no destinatário um caso típico de moléstia de Nabuco<sup>7</sup> e prescreveu o alargamento do conceito de nacionalismo: “nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser” (Coelho, 2002, p. 70). Ele desfazia assim a oposição entre nacionalismo e universalismo dominante até aquele momento no debate intelectual brasileiro e reproduzida pelo então jovem poeta mineiro, afirmando que o que ambos concebiam era “mau nacionalismo”. O tratamento ministrado via correspondência deu resultado, e rápido, pois em janeiro de 1925 Drummond já declarava, como que curado: “sou hoje brasileiro confesso. E graças a você, meu caro!” (Coelho, 2002, p. 88). Ora, é justamente a lição do amigo que mais de trinta anos depois Drummond parece retomar para se contrapor ao

---

<sup>6</sup> Comentando as implicações com o Modernismo, Drummond afirma: “modernismo, sinônimo de incompetência e ignorância, como se dizia e ainda se repete? A criação de Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti, Jorge de Lima e outros desmente a simplificação, que de casos isolados tira uma conclusão geral. Bem, não adianta insistir nisto, agora que o modernismo, de tão integrado na evolução literária, foi reconhecido oficialmente, adotado nas escolas, sacralizado...” (Andrade, 2020b, p. 41). No trecho, Drummond se opõe tanto àqueles que acusavam os modernistas de falta de apuro técnico quanto ao inócuo reconhecimento oficial posterior.

<sup>7</sup> Mário definiria a moléstia de Nabuco em entrevista de 1925 como: “isso de vocês andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista e é isso de você falar dum jeito e escrever covardemente colocando o pronome carolinamichaelismente” (Andrade, 1925 apud Batista; Lopez; Lima, 1972, p. 236).

formalismo que havia tomado a discussão literária da década de 1950, pondo em xeque a ideia de que naqueles anos ele estivesse alheio às questões do seu tempo e país, como a epígrafe de *Claro enigma* tomada a Valéry poderia sugerir. Na verdade, o diálogo com Mário testemunha justamente o empenho de Drummond para participar do debate intelectual através, não da repetição, mas, sim, da meditação aturada da teorização do amigo que em certo sentido era contrária ao seu individualismo e que constituía uma espécie de oposto complementar dele, funcionando como matéria para reflexão.<sup>8</sup> No trigésimo-segundo aniversário do Modernismo, enfim, o poeta mineiro se voltava para suas heranças para discutir seus limites a fim de questionar a posição incerta do Brasil no momento mesmo em que recordava o passado. Nesse sentido, o movimento era invocado, não como efeméride ou comemoração, mas como questão premente a ser atualizada por uma reflexão difícil e angustiada.

### **Referências bibliográficas**

- ALEMBERT, Francisco. A reinvenção da Semana (1932-1942). *Revista USP*, São Paulo, p. 107-118, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930/62*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo vida poesia: confissões de rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. São Paulo: Companhia das

---

<sup>8</sup> Uma das entradas do diário de Drummond de 16 de fevereiro de 1945 publicado em *O observador no escritório* sintetiza a importância da correspondência com Mário: “Carta de Mário de Andrade. Infeliz com o que viu e ouviu no Congresso de Escritores em São Paulo. Concluiu que o destino do escritor há de ser a torre de marfim dentro da qual trabalhe – o que não quer dizer não-me-importismo nem artempurismo. Guardar e meditar suas palavras: ‘O intelectual, o artista, pela sua natureza, pela sua definição mesma de não conformista, não pode perder a sua profissão, se duplicando na profissão de político. Ele pensa, meu Deus! e a sua verdade é irrecusável pra ele. Qualquer concessão interessada pra ele, pra sua posição política, o desmoraliza, e qualquer combinação, qualquer concessão o infama. É da sua torre de marfim que ele deve combater, jogar desde o cuspe até o raio de Júpiter, incendiando cidades. Mas da sua torre. Ele pode sair da torre e ir botar uma bomba no Vaticano, na Casa Branca, no Catete, em Meca. Mas sua torre não poderá ter nunca pontes nem subterrâneos’. No meio de tantas paixões fáceis e de tanta intelectualidade abdicante, Mário preserva o seu individualismo consciente, que lhe dá mais força para exercer uma ação social que os intelectuais-políticos praticam de mau jeito e sem resultado” (Andrade, 2020c, p. 28-29).

Letras, 2020c.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Suas cartas. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020d. p. 66-79.

ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. *In*: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978a. p. 26-46.

ANDRADE, Mário de. O movimento Modernista. *In*: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978b. p. 231-258.

BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê Porto Ancona; LIMA, Yone Soares de (orgs.). *Brasil 1º tempo modernista: 1917/29*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do povo à rosa das trevas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio. Drummond prosador. *In*: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11-13.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. *In*: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1985. p. 123-162.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. *In*: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 67-97.

COELHO, Lélia (org.). *Carlos & Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Rebelião e convenção. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 158-159.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

SCHWARZ, Roberto. Discutindo com Alfredo Bosi. *In*: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 61-85.

**Gabriel Provinzano** é Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Universidade de São Paulo.

[gabrielprovinzano@gmail.com](mailto:gabrielprovinzano@gmail.com)